



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

FACETAS DE UMA VIDA

OUÇAMOS, a Senhora D. Emilia da Silva Ferreira, (1) que bem conheceu o Padre Américo desde muito novo, pois vivia, então, numa casa vizinha da de Antelagar, que era, como já aqui foi dito, propriedade dos pais do Padre Américo.

— Ainda me recordo perfeitamente, de ouvir a mãe do Américo desabafar para a minha: «Este rapaz é um mafarrico. Leva-me tudo pela porta fora para dar aos pobres».

E de seguida explica-nos os motivos deste desabafo da mãe do Américo:

— A Senhora Teresinha tinha momentos antes ido encontrar o seu filho a remexer a caixa da roupa branca, à procura de qualquer peça de roupa que servisse para dar aos seus pobres. «Oh! rapaz, deixa estar isso. Não bulas aí». E o Américo, com uma camisa de linho nas mãos, pedia à mãe que o deixasse levar aquela, só aquela, pois até já estava a ficar moída. E levantava-a à altura dos olhos, como que a provar que assim era. Olhe, o Senhor Padre Américo foi sempre muito amigo dos Pobres. Das

suas economias, comprava pano crú, e mandava fazer camisas para eles.

Feita uma pausa para melhor se recordar, continua:

— Havia em Paço de Sousa uma doentinha, de nome Emília Leite, que ficou paralítica desde muito nova. Esta doente mereceu sempre muito carinho e muita dedicação do Senhor Padre Américo. De África, com frequência lhe mandava dinheiro para acudir às suas necessidades. E sempre que vinha a férias visitava-a, pois era muito da sua predilecção esta entrevada. A própria doente chegou a confessar-me quanto o senhor Padre Américo era seu amigo e quanto a protegia.

Nem mesmo a sua mudança para África, na companhia de tantos outros que, como ele, haviam deixado as suas terras e os seus, para voltarem mais tarde ricos, ou pelo menos remediados, arrefeceu o grande e constante amor pelos infelizes. Continuemos a ouvir a Senhora D. Emilia.

— De África, mandava com frequência cheques, endereçados a pessoas de sua confiança, para que estas os distribuíssem pelos pobres. Eram, na

sua maior parte, levantados em Cête, na loja do Senhor Amaral Velho, que funcionava também como agência bancária. Numa das cartas que ele escrevia a avisar da vinda dum cheque e a recomendar o seu fim, acrescentava: «É todo para os Pobres. Nada de bebidas. Só para matar a fome».

Sempre que vinha a férias, visitava-me muitas vezes. Conversávamos muito. Abria-se comigo e numa dessas visitas chegou mesmo a confidenciar: «O meu desejo é ser frade. Estudei as regras, mas... são muito rigorosas».

Com receio de não poder com elas é que foi para padre — comenta a senhora D. Emilia.



— Também me dizia sentir muita pena dos pretos, da maneira como viviam e muito principalmente daquelas criancinhas, que cresciam e viviam abandonadas, sem aprenderem a doutrina cristã.

Estava por cá uns tempos e depois voltava de novo para África. Lá de longe, o seu pensamento demorava-se na terra e muito também nos seus pobres. Nunca deles se apartou e dos proventos que conseguia à custa do seu trabalho, enviava dinheiro para os desprotegidos da sua terra e outras freguesias vizinhas. Mas os da sua terra, da sua fre-

(Continua na segunda página)

Património dos Pobres

COMEÇAMOS a nossa visita pela vila de Soure. O bom povo desta terra tem pena pela afronta que o Pai Américo, nos seus princípios, ali sofreu. Ora nós entendemos e dissemos que uma boa maneira de reparação é agora Soure dar abrigo e conforto aos seus Pobres em homenagem a Deus que o Pai Américo serviu.

Já estão em acabamento duas moradias com sua cave espagosa e outras duas a subir e vontade de começar mais.

Regressámos dali e tomámos a estrada da Beira até Seia. Seia é um encanto de Vila e seu pároco e sua gente encantadores também. Estão seis moradias habitadas. Dois chefes de numerosa família bastante doentes. As casas estão situadas no terreno grande e arejado da Misericórdia. Vão construir mais; tantas quantas as necessárias. Deus os ajude.

Na volta passámos por Aldeia das Dez, onde o pároco anda empenhado na construção dum Centro de Assistência Paroquial. Que bela construção! Não desanime, senhor Prior, Deus não lhe há-de faltar.

Este pároco tem a sua residência por rebocar e cair, mas isso não importa. Primeiro preocupa-o a situação dos seus paroquianos.

No caminho ficou-nos Vila Nova do Ceira. Estão duas, airozas, habitadas e mais desabrigados à espera de abrigo.

Tomamos rumo a Tancos. Depois de Constância e antes do Campo Militar encontramos à beira da estrada duas habitações cunhadas de Património. Era o dia da entrega. Uma delas é da Escola Prática de Engenharia e outra da Conferência da Praia do Ribatejo.

As casas estavam cheias de mimos e os novos habitantes mais mimosos ainda. Levávamos uma palavra particular para os militares, mas não puderam estar, pois se encontravam em Santa Margarida. Os elementos do nosso Exército hoje honram bem a Pátria. Ditosa Pátria que tais filhos tem.

Dali passámos a Vendas Novas. Também ali o senhor Prior não se cansa de falar a favor dos militares. Estão oito moradias prontas a entregar e duas vezes mais delas à espera de andar. No centro do terreno vai ficar um poço com tanque grande. É à beira da estrada que vai para Montemor. Quem passar, não siga sem contemplar e adorar a Deus.

Senhor Prior toma meu braço e leva-me a visitar uma pequenina quinta onde pensa fazer um Calvário. Estão já casinhas feitas. São para começar. A quinta é da Misericórdia e sr. Prior tem muita esperança em adquiri-la. Deus aproxime a hora em que as nossas Misericórdias sejam verdadeiras Misericórdias. Já estamos a caminho.

Visitamos também as dez de Cascais. Os habitantes não sabem dizer melhor. O mais que podemos dizer delas, é que

— Continua na segunda página —



A tardinha, depois do trabalho, Quim veio ter comigo e fomos os dois. O findar do dia adensava as sombras dos recantos sempre sombrios.

Comçámos pelos Mercadores. À porta esperava uma velha conhecida. Revistei-lhe o bolso. «Você fez muito dinheiro!...» disse brincando. Cinco tostões e dois fósforos foram os despojos daquele dia teimado à porta dos Mercadores. Pai Américo, quando ia mais cansado, deixava-lhe ali a esmola, ou abaixo na loja do Domingos. Mas nós íamos folgados e subimos o «arranhacéus». A outra que procurávamos estava lá. Dois quartos separados por tabique. No de dentro uma delas; no outro, arejado por estreita janela, a que esperava à porta e a filha e o genro carregão e três crianças e uma no ventre. Descemos. Dois portais acima voltamos a subir. Agora mais escuridão, mais mau cheiro. Em certo momento a escada desemboca numa pequena rampa terminada por uns degraus. Quan-

do chove a torrente desagua pela escada interior. Ao cimo dos degraus desta pequena rampa afogada entre paredes sem cor que lhe roubam a luz e o ar, uma porta baixa dá entrada para a casa aonde íamos. Uma filhita está no hospital. Outro estava ali definhado. A mãe mostrava no rosto a tísica de que fôramos prevenidos pelos vizinhos. Vá lá... ali a renda é barata e o senhorio perdoa quando não há dinheiro. Porém, a «casa», toda enterrada no paredão sem cor, iluminada apenas por uma fresta que há sob uma outra escada, não é digna sequer dos animais imundos. E entretanto quatro vidas que não chegam a somar cinquenta anos vão-se extinguindo ali enquanto o mundo dorme.

Acabámos de descer os Mercadores. Na Ribeira é a casa da Rosinha. Rosinha não tem pés mas faz a vida dela. Com braços e joelhos remedeia. Os recursos que Deus dá aos homens são maravilhosos, mesmo quando uns

pés chagados não permitem o andar!

Dois lances ímais de escada e fomos conhecer outra família. O Pai fez operação ao estômago e não mais ficou capaz. A mãe é o ganha pão daquela família de 5 filhos dos 13 anos para baixo.

Dali passámos aos Arcos do Barredo em procura do José que ali costuma parar. Nem sinais! Fomos a casa. Vizinhos presentiram e vieram à escada com candeeiros. Ali tudo é pobre. Tudo sabia que eu ia lá pelo Zé dos Arcos do Barredo e mais ninguém... Mas, a «Caridade não é invejosa, é solícita...» e ali é «Lugar de Mártires, de Heróis, de Santos», é portanto lugar de Caridade. De caridade muita vez enfarpelada de misérias... Porém, as contas dali só Deus as sabe fazer.

Por isso os vizinhos, que nada iam lucrar com nossa presença, saíram à escada a alumiar.

José estava na cama. É um feixe de ossos. Eu apalpei. Os seus

(Continua na 2ª página)

O Doente Pobre na Família Paroquial

Ordins, como muitas outras terras, tem o seu Dispensário Médico. Dele beneficia, igualmente, o lugar de Ribas. Nasceu do conhecimento desta população. São perto de 130 fogos. Salários muito baixos. Deshumanos. Pois se nem para a conveniente alimentação, como poderiam os doentes curar-se? Onde para Médico? Onde para Farmácia? Onde para alimentação apropriada a doentes? Tudo faltava. Com Deus, tudo se procurou remediar. Pôs-se em prática o Evangelho. Amar com obras.

Ordins aparece aqui como um testemunho, pequeno embora, a dizer que o clero paroquial não abandonou as classes mais desprotegidas. Prova ainda, que nos meios mais limitados alguma coisa sempre se poderá fazer por elas, desde que se esteja convicto de que passou já o tempo em que porventura, se poderia dormir a sono solto.

Remédios: começaram por pedir-se a um Médico amigo. Encheu-se, assim, uma gaveta. Continuaram sempre a chegar. Só de um lado, dois valentes cestos. Doutro, uma mala cheiinha. Impunha-se a construção dum armário próprio. Lá foram perto de 500\$00, que, a pouco e pouco, foram reembolsados pelas pequeninas dadas dos doentes que vinham por eles. Desde 1953 a esta parte, graças a contínuas ofertas, tem-se encontrado cheia a estante. Há Farmácias com menos, comentam os doentes.

Médico: a princípio, como os medicamentos não eram muitos, em dois linguados de papel, cabiam seus nomes, modalidade de apresentação dos produtos e laboratório. Breve, porém, foi preciso, devido à sua grande quantidade, agrupá-los, segundo as diversas doenças ou órgãos afectados, indicando sempre seus nomes, modalidade de apresen-

tação dos produtos e laboratório. Quando algum Pobre estava doente, dava-se ao trabalho de buscar a lista dos medicamentos e ia ao seu Médico. De volta, davam-se-lhe, se, por ventura, havia. Acontecia, porém, que a dita lista, não obstante o grande serviço que ia prestando, não era tão prática, como seria mister. Nem também todos os médicos tinham a paciência de nela procurar o que o doente necessitava. Sofria-se com isso. Um dia, porém, queixei-me. Foi em 1954. O Médico que me ouvia prontificou-se a vir mensalmente a Ordins. Por amor de Deus? Sim, que, doutra forma, não poderia recompensar. Os abastados poderiam vir, aleguei, e estes satisfariam os honorários. «Não, respondeu-me. Venho pelos Pobres, gratuitamente. Os que podem pagar procurem-me, no meu Consultório... Vem de longe. Não falta. O amor de Deus tudo há-de pagar a quem tão abnegadamente se sacrifica por Ele.

Em 1955, outro Médico de Clínica Geral começou a trabalhar, pela mesma moeda, no Dispensário, de modo que os Pobres têm, agora, consulta quinzenal. Quando é preciso recorrer-se a Médicos especialistas, encaminha-se o Doente para os serviços oficiais ou particulares, encontrando-se sempre todos prontos para servir graciosamente.

A aplicação das injeções, excepto as venosas, é feita por várias pessoas do lugar, por amor de Deus, ou pouco menos.

Casa: na falta de outra, é na Residência do Capelão. O Doente pobre é atendido na sala de visitas, que bem o merece.

O movimento do Dispensário tem crescido sempre. Em 1953, distribuíram-se 105 medicamentos a 27 doentes. Em

1954, 609 a 374. Em 1955, 717 a 378.

A criança pobre e doente de Ordins, com aprovação médica, teve também o seu lugar à beira-mar. Desde 1953 até agora, beneficiaram dos ares iodados do mar 35 crianças, com as quais dispendemos 4.450\$00, tendo, apenas, as respectivas famílias contribuído com a módica quantia de 855\$00.

Creio que valeu a pena termos-nos dado ao Pobre. Alguma coisa se fez, em meio de muitas dificuldades e incompreensões. Graças a Deus. Bem haja a todos quantos nos têm auxiliado. Bem haja por tudo.

Padre Aires

Setúbal

Assim como o mar tem aberto as suas veias para os setubalenses, assim eles para nós.

Uma Senhora leu na «Tribuna de Coimbra» que a nossa nova barbearia de Miranda não tinha cadeira, nem espelho, nem apetrechos e apareceu em nossa Casa a levantar o dedo. Com tanta sorte que era eu que estava nas mãos do barbeiro, sentado numa cadeirita. A senhora viu e deu-se por feliz naquela hora e em vez de dar uma, deu duas cadeiras, duas mesinhas e muitos apetrechos. Ficámos com as barbearias de Setúbal e Miranda montadas.

Além disto a dita senhora aparece todas as semanas com um dos filhos e sempre carregada, quer de roupas, quer de notas.

As Senhoras Vicentinas têm continuado a trazer o que podem; mil que um senhor cá veio trazer; um embrulho de roupas e sapatos; um sacerdote muito pobre de Coimbra deixou oitenta e quinze dias de serviço; a Esposa dum senhor Engenheiro veio com roupas dum filho; mais umas Senhoras que vieram trazer 400\$00, dois embrulhos de roupas e retalhos novos e uma caixa com ferramenta de carpinteiro.

Um saco de feijão; o Senhor que nos costuma dar o peixe está pronto todos os dias; 20 dum visitante; uvas duma quinta vizinha; 27\$00 de visitantes; fruta e camisolas de lã da Quinta do Anjo e promessa de mais; um candieiro para meu uso.

Fomos pedir à Igreja da Anunciada e deram-nos 1.152\$50. Poderia ter parecido pouco, mas a nós parece-nos muito, pois o ambiente é tão pobre. Louvado seja Deus.

A Direcção do Vitória autorizou a entrada dos nossos rapazes no seu Campo de Jogos. A confirmar este favor ainda nos ofereceu uma boa bola.

Viva o VITÓRIA!

Padre Horácio

Visado pela
Comissão de Censura

FACETAS DE UMA VIDA

- Continuação da 1.ª página -

guesia, como é natural, eram sempre lembrados. Ele mesmo o pediu nas cartas para a senhora D. Emilia. Do Chinde escrevia em 10 de Abril de 1918: «A sua registada de Fevereiro chegou-me ontem às mãos. Como vejo que tomou o caso da esmola muito a peito e parece mesmo estar um tanto ou quanto contrariada por eu lhe ter deitado as culpas, apresso-me a escrever dizendo-lhe desde já que não há razão para tanta contrariedade. Está tudo muito bem; eu bem sei que a falta não é sua. O que eu quero é divertir-me consigo, percebe?»

E para cerrar a questão e recompensá-la pelo muito que se tem incomodado, mando-lhe aqui um cheque de mais 20\$00 para os seus pobres, dando-lhe desta vez carta branca para fazer aquilo que muito bem entender. Pode dizer a quem quiser, se for da sua vontade falar nisso, e no livro de receita pode pôr o meu nome se assim achar que é bem, porque eu fico satisfeito com tudo quanto queira fazer. Está mais contente agora, não é verdade? Uma coisa lhe recomendo. Sabe que eu não sou de Paço de Sousa. Não tenho a dita de ter visinhos do seu quilate e como a necessidade dos pobres é toda igual, veja se dá qualquer coisita à gente da m/freguesia. Também que não seja tudo para a gente da s/freguesia e os da minha que fiquem sem nada!

* Não acha que tenho razão, Emilinha? Recomende-me a todos os seus e creia no seu muito amigo, Américo Aguiar».

Porque a senhora D. Emilia deu tudo aos pobres de Paço de Sousa e nada aos da freguesia de Galegos, recebi esta reprimenda por carta, também vinda do Chinde e datada de 29-9-1918. E-la: «Minha boa amiga. Muito grato pela sua carta de Julho passado. Passo a responder para lhe dizer que senti imenso a morte do seu bom tio e peço-lhe que apresente a todos os seus a minha grande simpatia na dor que os enlutou.

Fico ciente de tudo quanto me diz com referência ao destino que deu aos 20\$00 que mandei e felicito-a pela boa vontade que tem em fazer bem aos pobres de Paço de Sousa.

Estou muito zangado consigo por não ter dado nada aos de Galegos conforme lhe havia pedido e tanto que, para a castigar, dou-lhe a desagradável surpresa de ter que ver nesta minha carta apenas o papel em que escrevo. Não apanha mais nada, pelo menos por agora. E sabe qual é a outra razão, talvez a mais forte, porque lhe não dou nada agora? É porque tenho medo que julguem que estou a dar esmolas para avultar o meu nome aí no meio da nossa gente.

Sabe, Emilinha, que quem dá mais do que o que deve, ou o faz por luxo, ou comete uma imprudência que pode trazer resultados funestos. Ora eu não quero fazer uma coisa nem outra e então passarei assim a mandar esmolas mais pequenas para o seu cofre.

Agora só lá para a Páscoa terá dinheiro. Pró Natal a minha irmã com certeza que distribuirá esmolas pela sua gente. Mas tem

que dar também aos de Galegos, ouviu? Se me não promete que dá para lá alguns vales, eu zango-me consigo.

Como me disse que São Vicente e a Senhora de Lourdes me iam agradecer eu tenho estado à espera de cartas mas até hoje nada. Com certeza que estão detidas na Censura. (*) Aquilo decerto falavam em política e estou até com certo receio que os autores das cartas serão engavetados... Vamos a ver. Logo que tenha carta comunico para aí.

Adeus. Recomende-me a todos os seus e creia no seu muito amigo e conterrâneo, Américo de Aguiar».

Jaime Monteiro Aguiar

(1) Vive actualmente em Paço de Sousa, na Casa das Senhoras Coelhas.

(2) Estávamos na guerra de 1914-18. Havia censura à correspondência.

Barredo

- Continuação da 1.ª página -

trinta e três anos parecem o dobro. Custa-lhe falar e falou muito. Talvez um canto de cisma, que eu não sei se voltaremos a ver-nos. Disse-nos um cântico de amor e uma elegia da sua solidão. Só os pobres se lembram dele e o confortam. Naquela hora entrou um operário regressado do emprego, que veio por ali dizer que não se esquece. Tantos que têm tanto, que têm de mais... e que não sabem deste reverso de medalha, ou não querem saber!

Naqueles antros a gente sente-se pequenino. A imoralidade daquele casal que não existe à face de Deus nem do mundo, parece-nos insignificante diante do grande escândalo do homem que não sabe do homem nem quer esta ciência que pode empatar a febre do «seu» gozo.

O Zé prometeu-me que deixava a companheira ir à procura dum papel que lhe falta para se casar. Depois, o festim da União que acaba quando começa, será Jesus vivo, feito Banquete, num Altar de sacrifício real e cruento.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

- Continuação da 1.ª página -

quadram muito bem na beleza daquela vila.

Segundo últimas notícias dos párocos, estão casas a subir em Vila Real de S.to António, Paderne, Viana do Alentejo, Colos, Peso, Cano, Moura, Reguengos de Monsaraz, Estremoz, Alandroal, Amareleja, Alvitto, Pias, Aldeia Nova de S. Bento, Tramagal, Vila Verde, e muitas mais de que não temos notícias.

Assistimos hoje à entrega de duas em Parede e ao lançamento de pedras para mais seis. Da beleza da construção não temos palavras para dizer. No fim houve Assembleia Geral dos Vicentinos da região. Estão todos de mãos dadas num só coração e numa só alma.

Quando todos os vicentinos de Portugal se derem as mãos, os Pobres serão abrigados e evangelizados.

Padre Horácio

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

S AIBAM os senhores que Rio Maior encheu-se de brios. Mal contentes com a grande lista remetida um dia destes, aí vem outra: «temos a alegria de enviar mais 9 assinantes de que oportunamente remeteremos o seu custo. Desejamos os maiores êxitos à Obra da Rua para honra e glória do Senhor e para alegria do nosso querido Padre Américo». Mas isto é formoso. Formosura cristã. As almas cheias de Cristo são e falam assim. Viva Rio Maior!

Atenção Lourenço Marques; assinante 30.775. Que lista e que nomes! Parece tudo gente de categoria. No meio vemos o Secretário-Geral do Governo da Província. Parabéns minha senhora. Deus a ajude. Muito a propósito, vai aqui um recado: tomando o exemplo da assinante 30.775, os nossos leitores de Moçambique rapem da caneta e dum papel e convençam amigos e parentes a assinar «O Gaiato». Depois dêem notícias. Ora nós esperamos muito e muito dessas terras. Ai viveu Pai Américo uma data de anos e mais que uma vez tivemos ocasião de verificar quanto amava Moçambique: as suas gentes, os seus costumes, a sua generosidade, o seu portugalismo.

Voltemos à Metrópole. Aqui se estão produzindo fortes dedicações pela «Campanha». Do assinante 2.175 de Santa-Maria de Lamas recebemos uma lista que é um amor! Nada menos que 25 novos leitores! E, insatisfeito com os resultados obtidos, mande outra lista para arranjar mais novos assinantes. Desperta mais pedir os assinantes com essa lista do que com outro qualquer papel». Ora a lista de que nos fala este leitor é a célebre circular que juntámos ao jornal quando reacendemos a «Campanha». Tem razão. É mais adequada. É mais nossa. Que seja feliz na colheita.

JÚLIO MENDES

Do que nós necessitamos

Esta coluna sempre teve e tem um estranho interesse que colunas congêneres não costumam ter, porque todo o homem foi criado para destinos mais altos do que os limites deste estreito mundo e conserva o sabor das realidades eternas. Ora esta secção é feita de actos sobrenaturais. Sempre foi nesta qualidade deles que Pai Américo estruturou a Obra. E o que está feito fez-se porque há suor e sangue das multidões na argamassa que prende umas às outras todas as pedras materiais das nossas casas. O passo da viúva do Evangelho tem sido aqui sublinhado muitas vezes, mas, em cada uma que se repete (e são tantas!), sempre nos aparece com a novidade de primícias.

Foi a passada quinzena. Duas mulheres à volta dos cinquenta. Modestas. Criadas de servir. Uma delas, de lágrimas nos olhos, adianta-se e entrega 20 a mais que um mês de ordenado: 200\$00. Eu disse que não:

— Vocemecê precisa disso, mulher.

— Oh senhor Padre, deixe lá. Ainda ficam 11 meses para ganhar.

Soube depois que era ela quem sustentava a mãe velhinha. Insisti.

— Está bem. Deu-me este dinheiro e eu aceito. Agora dê-me licença que o ofereça a sua Mãe.

— Oh senhor Padre, este dinheiro é para os seus meninos. Eu tenho tempo de ganhar prá minha mãe.

Quedei vencido. E compreendi algo do deslumbramento que Pai Américo tantas vezes confessou à varanda do seu escritório, correndo com o olhar a nossa aldeia: «Não sei como foi isto, como se fez isto. Eu sou o maior dos assombrados».

Foi assim. Foi com as esmolas de «viúvas do Evangelho». O resto são contos do mundo. Contas que todos sabem fazer e apesar disso saem tantas vezes erradas.

A companheira da dos 200, deixou ficar 50.

x x x

Mais a Gerência e o Pessoal da Fábrica de Carrinhos de Algodão da Coats & Clark 2.924\$00. O maior valor destas iniciativas não está na importância que juntam, mas na fraternidade que estabelecem: a Gerência e o Pessoal.

Continua gente de trabalho. São os da Fábrica de Tecidos Diogo Barbot com 1.148\$50. Os da Fábrica Textil de Ermezinde com 70 e «sentimos muito por a oferta ser pequena porque o meio também é pequeno». E os da Mobil Oil Portuguesa, no Porto, com 51.

É a vez dos grupos excursionistas, quase todos compostos também por gente humilde, que vai descontando ao longo do ano para o passeio estival. Vieram os «Amigos do Bem» de Águas Santas e deixaram 100. Outro tanto do Grupo «Já cá canta» de Paranhos. Quatro vezes mais de «Os Amigos de Camões». E quase setecentos e meio de Pároco e

paroquianos de Esgueira — Aveiro. A Biblioteca Eduardo Pereira Pinto, de Azevedo de Campanhã, abriu uma subscrição e trouxe-a cá: 2.589\$.

Gente que fez promessas, desobriga-se: 20\$00, 55\$60, «pelo bom resultado de exames 50\$», mais mil do Porto.

Quem pede intenções de Missas, descansa que seus pedidos têm sido satisfeitos a tempo e horas. Porém, às vezes, com grande dificuldade, temos de recorrer a outros sacerdotes, por nos pedirem intenções em datas já comprometidas. Se me dão licença e prometem não se zangar, eu pedia que fugissem de nos dar intenções de Missas, porque normalmente estamos muito cheios delas.

Em acção de graças, 1.000 de Matozinhos e 20 de Ilhavo. Mais 140\$00, «diferença entre o meu antigo e actual vencimento que havia prometido seria para essa grandiosa Obra».

Os «cireneus» dos nossos pobres não desanimam. São os 50\$00 da «minha mensalidade para a viúva dos 8 filhos». 100 para a «viúva da nota da quinzena». E outro tanto do mesmo «para ajudar uma mãe a alimentar seu filho». 150 para o

(Continua na quarta página)

Agora

Abre a procissão um estandarte que passa e promete não parar. São os filatelistas empenhados na Campanha do «selo da rua». Cada um «abre uma casa» no seu album ou dá o valor equivalente e depressa estas casas fazem uma Casa do Património. Começaram há pouco e em fins de Setembro iam com mais de 13 contos e meio. A Campanha é tão ordenada que até tem Regulamento!

Os comerciantes e industriais do Bonfim e Campanhã vêm com 20.192\$50. A seguir são os operários, empregados de escritório e firmas de Vinho do Porto, que a convite da Direcção do Grémio dos Exportadores do dito se lançaram à Obra e somaram 53.147\$50. Da Rua Fonte de Massarelos, dois mil de quem já entregou seis e «dará o resto logo que puder». Uma casa da firma C. Cardoso do Bonjardim.

Agora passa Carcavelos, da linha de Cascais, com dois cheques no total de mil. E mais acima é Fátima com a 3.ª e última prestação de 4.000\$ para a «casa de 7 irmãos». Sur-

ge uma outra rua do Porto. É Passos Manuel com 22.490\$00. Mais uma anónima, que ora está no Porto, ora em Coimbra. Na primeira cidade pode fazer suas entregas nos Clérigos 54 e em Coimbra no Porfírio Delgado.

O Pessoal da Cheup começou em 1952 e chega agora ao termo da jornada com uma «étape» de 1.150\$00. Com ela ultrapassa a meta dos 12 contos. 900\$00 da Alameda D. Afonso Henriques. E ainda Lisboa com 20 para uma telha e o pedido de uma oração «para que a vida do meu marido seja longa. Um Pai faz tanta falta!» 160\$00 de «um casal feliz de Escalos de Baixo» que se despede com «beijos aos Batatas e abraços e coragem para todos vós».

Na Mealhada há-de ser, querendo Deus e não estorvando os homens, a Casa «A meus Pais». Mais 500 da Rua Pinto Bessa, que chegaram atrasadas, mas se juntam ainda à representação já citada do Bonfim e Campanhã. Em Caldelas, na Pensão Universal, fizeram uma casinha-mealheiro que «abrigou» 12\$20. Foi já no findar da época, senão...

Também na procissão não falta um seminarista. É pouquinho e é muito, porque é tudo: «Foi o que pude arranjar».

Os motoristas de taxis do Porto sei que já andavam tristes por não verem no desfile a sua representação. Que desculpem, mas uma procissão não corre como os automóveis! Aqui chegaram pelas mãos do telefonista, 2.047\$50 das estações dos Aliados, Praça Almeida Garret, Carmo, Batalha, Infante, D. João I, Campo e Boavista.

Agora são os comerciantes da R. Conde de Vizela com quase 8.000. E façam o favor de se descobrirem à passagem de «uma funcionária pública». É a sexta prestação: 1.000\$00. Até o Estado fica mais rico com funcionários destes! E não é só. O pessoal do 3.º sector dos C. T. T. conhece já estes caminhos de cor e salteado. Mais uma vez eles aqui estão com 856\$20.

Atenção a este dístico assinado por «humilde adepto»:

«Em 26-12-53 enviei ao imortal Padre Américo Esc. 12.000\$00.

E, na esperança de estimu-

lar outros «avós», apuz a legenda «um avô de dez netos», a ver se «pegava». Mas eu enganei-me e a «coisa» não pegou...

Paciência!

Entretanto e enquanto outros colegas... na velhice não despertam aqui vão mais «doze deles» (na frase tão típica e curiosa do saudoso Padre Américo) para uma segunda «casa dos dez netos», que foi a legenda por Ele adoptada, e pode seguir».

O pessoal de «Manufacturas Ambar» aparece com 250. E é o Faial com sobras da assinatura do «Famoso». E Alhos Vedros com 50. E algumas firmas da Rua D. João IV com respectivo pessoal: 3.453\$00. E o Pessoal da HICA, useiro e vezeiro, com 2.237\$80. E Lisboa com 30\$00 para um vidro. Já se lobrigam mais caras conhecidas: É o do «plano decenal» com a 9.ª prestação do 2.º ano; e a 5.ª prestação de 500 para a Casa «À minha noiva — J. L.». Mais o que já fez a «Casa de S. Sebastião» (que está quase a ser em Vila Nova de Famalhão) e, porque o tempo vai passando e não se pode perder, «começa já outra», a «de Nossa Senhora de Fátima», com mil deles. E não contente acrescenta: «Nas minhas orações de pecador contrito pedirei ao Pai Américo que seja junto do Senhor o advogado permanente da trilogia: Obra da Rua, Património dos Pobres e Calvário». Assim seja. Passa agora a Beira, de Moçambique, com 1.000, que juntos ao atrazado, perfaz 8.500. «Já não falta muito para amortizar a dívida que contraí de uma casa para os Pobres».

Alguém que se esconde nas mãos das Irmãs do Sanatório de Celas em Coimbra, com 25 contos. E uma Casa de V. Nova de Gaia em memória do marido, «a inaugurar, se possível, em 24 de Dezembro».

Quem há em Mafamude que oiga e remedeie esta piedosa intenção de oferecer a consoada num lar a uma família que o não tem? Agora é a lista 510 da Comissão de Costa Cabral: 346\$50.

E hoje a procissão termina com uma nota triste. Algures no Ultramar se encontra há mais de dois anos um peditório para uma casa, em nome do Pai Américo. Juntaram-se cerca de 8.000\$00. E à espera

(Continua na 4.ª página)

Chales de Ordins

Disse aqui que S. Martinho do Porto viria até Ordins ver os artesanatos, para, depois, fundar uma Casa de Trabalho para raparigas. Ora não é assim. O seu a seu dono. Trata-se de Moledo da Lourinhã. O Pároco é novo. Vê claro. Não podia, na era do social, abandonar o social. Informá-lo, sim, de Cristo, pois tudo Lhe pertence. «Acabo de chegar a Moledo para transmitir ao meu Rev.º Pároco tudo o que colhi da minha visita a Ordins, e tenho fé que Deus há-de ajudar-nos a erguer aqui uma obra semelhante para Sua honra e glória e bem das nossas raparigas e dos nossos pobres». Que Deus ajude Moledo, o seu Pároco e a sua gente. Moledo com a sua Casa de Trabalho há-de constituir um exemplo a seguir.

Paço de Sousa um grande. Cete um pequeno. Albergaria-a-Velha, idem, com 70. Porto um grande. Lisboa, pela Conferência masculina do Campo Grande, um médio. Porto, idem, com 100. Porto de Mós, Avanca, Vilar do Ruivo, (4 com 300\$), Manigoto (2) vieram pelos pequenos. O Carmelo de Moncorvo (2 com 190\$), Lisboa (2 com 200), Franco (com uma nota de 100\$00), Braga (idem), Abrunheira (idem) e Porto (2) querem dos médios. Lisboa com 150\$ um dos grandes. «Agradecia que mo remetesse a tempo de o poder oferecer pelo Natal».

Isto é que se chama pagar bem e pedir com tempo. Deixamos respirar e será atendida antes do prazo. Leça da Palmeira, idem, com 115\$00. Olhe que agora são a 125...

Mais pequenos. Ora deslizam, diante dos nossos olhos, Porto, com 70\$, Lisboa, idem, Tomar, Chaves, outra vez o Porto, Monção e por último, Alhos Vedros com 2 e 130\$. Ilhavo também aqui vai com 220\$ para um dos grandes e outro dos médios.

Lisboa, Covilhã e Carviçais pedem informações que aqui vão, sendo-nos impossível dá-las particularmente.

Cores: branca, rosa, azul celeste, bege, castanha clara e escura, cardinal, cinzenta e preta. É para utilidade dos interessados que se lhes pede para indicarem sempre várias cores, no caso da preferida se ter esgotado. Doutro modo, avisar-se-á, quando tivermos a cor desejada.

Dimensões: medem, em diagonal, os grandes 1,98 metro; os médios 1,86; os pequenos 1,43. Sendo o fabrico manual e as tecedeiras umas 20, adverte-se que estas medidas nem sempre serão rigorosamente exactas. Podem oscilar um na dinha, centímetro a mais ou a menos.

Os chales, ou lenços, têm grade. Quando alguém os quiser sem ela dirá e, assim, serão um pouquinho maiores.

Preços: pelo correio, os grandes 125\$00; os médios 95\$00 e os pequenos 65\$00. Vales para Paço de Sousa.

Importante: os pedidos devem fazer-se à Conferência de S. Vicente de Paulo de Ordins — Paço de Sousa, acompanhados do respectivo vale. Não peçam à cobrança. Um vale e pronto.

Padre Aires



Aldeia Nova de S. Bento

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

Costumo vir um pouco atrasado, mas chego sempre a tempo com alguma coisinha cá desta casa, que está agora no seu princípio, e que ainda não é bem conhecida, mas que pedra em pedra se há-de erguer como as outras até ficar no alcance d'Aquela que nos protege e ilumina, DEUS.

Como sabem depois da morte do nosso querido Pai Américo ficamos um pouco desolados, mas paciência.

Tudo passou. Pai Américo fugiu da nossa presença, mas no nosso espírito ficaram gravadas em letras de nunca mais esquecer, a vontade que ele nos fez, os carinhos que ele nos deu, enfim tudo aquilo que ele por nós sofreu. Deus lhe dê o eterno descanso.

Tenho recebido algumas ofertas de vários leitores, e agora vinha por meio desta simples crónica, agradecer a esses amigos que nunca deixam de me ouvir. Quería agradecer também a essa senhora de Lisboa que me tem ouvido e que nunca me deixa de acompanhar a socorrer os pobres.

A todos os leitores muito e muito obrigado. Eu não queria ser pedinchão mas ao ver isto cheio de terror, até me dá vontade de pedir. Pedir sem medo a ver se ajudamos a subir aqueles, que a vida inferiorizou e os deixou no mais baixo grau da mesma. E assim leitores nunca se esqueçam de ajudar. Ajudar não só a nós como a todos que precisam. Falo eu em nome deles, porque a vida deles é muito triste. Adeus, saúde e felicitações são os votos deste Gaiato

Serafim Emanuel

TOJAL

—A nossa fruta já acabou, só nos restam as uvas, que este ano foram em boa quantidade e que pelos vistos, com malta desta só se provam uns escassos bagos, ficando outros com o estômago a transbordar, mas enfim estão a pagar o tributo, enquanto podiam estar a saborear as boas melancias de Setúbal nem sequer as tornam a cheirar visto já se terem cá fartado de uvas.

—Cinco dos nossos rapazes foram também fazer um pequeno retiro na companhia dos nossos irmãos de Paço de Sousa, que se mostraram muito bons camaradas, ao que eu previa o contrário. Enfim já vi como eles são e não há razão para queixa.

—Demos graças ao Criador de tudo, por não nos esquecer neste ano pois nos últimos dias tem havido salada de toda a qualidade; ele é tomate, é pepino, é alface, o que nos vale a nós é a malta, por não ficar com rodeios a devorar o belo petisco, senão estragava-se muito. Quem tem andado em apuros é o Carlos, que tem andado sempre à espreita, a ver quem é o ratoneiro que vai à horta e que escolhe os tomates. O mesmo se dá com pepinos, para depois em qualquer altura ir para os fardos de palha fazer patiscadas. Eu quero é que tenha sorte a ver se descobre o larápio para prestar contas de tal acto.

—A senhora que veio há pouco da Casa do Gaiato de Beire queixa-se e com razão, que é uma vergonha a comprar ovos à mercearia depois de termos tantas galinhas na casa. Sabem porque não temos ovos? Porque as galinhas andam subalimentadas...

O milho é pouco para nós. Farelo não temos. Portanto só comemos couves. Resultado, só ossos e ovos nenhuns. Daqui fazemos um apelo aos leitores para nos auxiliarem com um ou dois ou senão também podem ser três sacos de farelo. Este apelo é em especial para algum leitor que tenha alguma fábrica de moagem, ou outrem que queira ter a bondade de nos fazer a vontade, ou melhor a vontade às galinhas.

Há cá também na casa vários rapazes da mesma forma das galinhas, só ossos, parece que quanto mais comemos mais ossos têm, por isso se houver por aí alguma alma caridosa que nos queira mandar alguma coisa como: ovomaltine, milo-tónico, e etc., desde já agradeço.

—Estamos mesmo a acabar os trabalhos no nosso campo de futebol. Só faltam raspar as ervas nuns escassos metros, por isso desde já aviso os leitores que para a próxima quinzena dou a data da inauguração. Se algum dos senhores quiser cá vir assistir ao dito acontecimento, desde já aviso para não se esquecerem de nos trazer uma bola de couro e desde já ficamos agradecidos.

—Esteve cá no dia 15 de Agosto, uma excursão do Lumiar que nos fez passar um dia muito alegre com a pequena récita que cá apresentaram.

Apareceram por volta das 2 horas, entrando nós em cena a arranjar um palco para a dita récita, o que nos valeu foi uma excelente ideia; tirámos as pedras de mármore das nossas mesas do refeitório e com o resto das mesas e algumas tábuas, arranjámos um palco que faria inveja ao melhor teatro de Lisboa.

—No dia 2 de Setembro esteve cá um senhor, assinante do «Famoso» com uma vespa. É claro a malta aproximou-se para melhor conhecer tal bicho. Ora estávamos lá uns 15 rapazes todos com a mesma vontade de experimentar a dita vespa, como não podia deixar de ser o nosso benfeitor percebeu a nossa ideia, e vai daí começa às voltas no nosso terreiro com malta até chegar a vez ao último. E está visto que eu e o meu amigo Gouveia também andamos, e houve até quem dissesse, «até chorar por andar de vespa». Ao tal senhor um muito obrigado, e até à próxima se Deus quiser.

Oscar Manuel Silva

COIMBRA

Na altura em que escrevo este artigo, está já próxima a abertura das aulas, e por conseguinte, as férias grandes estão a expirar.

Felizmente, podemos dar graças a Deus por ter sido tão brilhante o passado ano lectivo, visto que todos conseguimos óptimos resultados; e ao principiar este novo ano, o nosso desejo é brilhante ainda.

A responsabilidade que até aqui sentíamos pesar sobre nós, redobrou com a morte do nosso Pai Américo. Temos agora maior convicção do nosso lema: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Todos os olhos estão cravados em nós. Todos em nós esperam. Em nós está pois depositada toda a confiança e toda a esperança.

O Pai Américo deitou a semente à terra. A árvore cresceu com os seus ramos e rebentos. Estes têm de dar fruto e nova semente para continuar a espécie.

A árvore é a Obra, e os rebentos são os Rapazes, que hão-de continuá-la, segundo a vontade do Pai Américo.

Os Padres da Rua, são os impulsores e os orientadores dos rapazes. Sem os Padres da Rua, nós não seríamos capazes de continuar esta Obra tão sublime; e só deixando-nos orientar por eles é que podemos fazer algo para prestígio da Obra e sua continuação.

E por tudo isto que sentimos sobre nós uma enorme responsabilidade a pensar-nos. Contudo, temos de aguentar o peso, custe o que custar, para merecermos o carinho, a estima e a confiança que em nós é depositada.

O Colégio que frequentamos é uma prova evidente de como confiam e esperam em nós. Por isso nos amam e as suas portas nunca se nos fecham.

Este ano continuaremos os mesmos cinco do ano passado. Um na Escola Comercial, no 3.º ano, e quatro a frequentar o 2.º ciclo liceal no Colégio Pedro Nunes.

Escusado é dizer portanto, que necessitamos de livros, cadernos, sebetas, canetas, lápis, estojos, tintas, papel, etc., etc.

Não vos esqueçais portanto estimados leitores, dos estudantes do Lar de Coimbra, livrando-nos de despesas.

Não vos esqueçais também da nossa Conferência Vicentina. Parece que agora ninguém se tem lembrado dos nossos pobres. De certo foi por causa das férias. Lembremo-nos que os pobres não as tiveram, e que enquanto nós gozámos, quanto eles não hão-de ter sofrido.

Oxalá que quando eu voltar a escrever não tenha de dizer o mesmo, mas sim alegrar-me e dar louvores a Deus.

Carlos Manuel Trindade

MIRANDA

—Amigos leitores, em primeiro lugar peço desculpa por não ir uma coisa de jeito, mas é a primeira vez que escrevo as notícias desta Casa, embora já tenha escrito muitas vezes as notícias da Beira, onde tenho muitos amigos que não posso esquecer.

—Continuam em construção as nossas oficinas e já estão quase prontas. Depois é que vai ser. Numa oficina nova até dá gosto trabalhar. E todos assim contentes vêm subir as suas esperan-

ças de serem homens de amanhã. No entanto estão as oficinas prontas, mas não há ferramentas. Se houver algum leitor que tenha aí algumas ferramentas de carpinteiro, barbeiro e sapateiro, não esquecendo uma cadeira para o barbeiro e uma máquina para o João Martelo, que é alfaiate, prescindimos unicamente do «martelo».

Quando eu era vendedor na Covilhã, já andava a tratar de ver se arranjava uma. A Oliva da Covilhã quase que ma prometeu. Agora pode cumprir. Porém, tenham cuidado, não mandem sem perguntar «se já temos», porque senão vimo-nos obrigados a montar um Stand e é isso que não queremos.

Parando com as pedinchices, porque já aborrecem, e no fim em vez de máquinas e cadeiras, apanho uma roda de pedinchão, vamos mudar de cena.

—Por falar em cena, lembro que o nosso Grupo Cénico anda a preparar uma peça de teatro, «O Filho Pródigo» cujos personagens principais são: O Pai, desempenhado pelo Gabriel; o Abade, pelo Faisca e o filho pelo Sardinha.

Tínhamos também em projecto fazer os «Pedinchões» mas por sorte não os fazemos e mesmo que fizéssemos eu não pedia nada, senão bem os leitores diziam: Que grande pedinchão.

CONFERÊNCIA—Amigo leitor, não venho pedir, mas sim lembrar que a nossa Conferência anda um bocadinho esquecida. Antigamente ainda vinham alguns donativos, mas agora passa-se o ano e só a senhora das Caldas é que se não esquece de nós. E digo de nós, porque se não tivésemos que dar aos pobres, somos nós os pobres.

Nas duas últimas reuniões, tendo assistido o nosso assistente e todos os confrades, ficou deliberado darmos aos pobres alguma mercearia e já começamos a dar.

Se não estou em erro temos 70\$00 em Caixa. Como o leitor vê isto só para uma semana e não chega a nada. Por isso não se esqueçam de nós.

Mande-nos de tudo. Dinheiro e géneros, que nós tudo agradecemos de boa vontade, de tão boa vontade como o pobre o recebe das nossas mãos. Depois Deus recompensa porque quem dá aos pobres empresta a Deus. Deus não falta. Não faltemos nós também.

José Dionísio Figueiredo

PAÇO DE SOUSA

—Já passaram as nossas vindimas. Não assistimos, pois estávamos para o Gerez a castigar a figadeira. Mas sabemos como costuma ser todos os anos, como foi. Muita alegria. Cantigas ao desafio. Eles a deitar elas para os cestos, tractor a romper as solas, os lagares novos a crescer. A adega ainda não está concluída e já teve o seu baptismo. Já é «internacional», como diz a «malta brava»...

Durante as vindimas, todas as oficinas enviaram emissários, para ver como as coisas corriam e mirar as melhores uvas. Depois toca a fazer «lotes» —as reservas para os próximos dias. O mais engraçado de tudo era quando os que não se importavam, iam ao lote dos prévidentes e lhe «fanavam».

—Tiras-te-me as uvas?

—Não. Foi o Gatito.

—Mas tu vens do lado dele?

—E por isso... Olha, o «tipo», só quer para ele! «Áfia o dente!»...

E mais. E muitas mais coisas.

Se assim não fosse não seria a Casa do Gaiato. Esta é a revolução. Uma desordem organizada!...

—Começaram as aulas. As salas estão cheias. A rapaziada com a ânsia por aprender. Por uma vida melhor. Para amanhã terem o seu emprego na cidade e poderem olhar de frente, esperando por um futurozinho.

O que desejamos, a nossa verdadeira função é de colocar, fazer homens que se possam colocar amanhã na sociedade. E tal há-de suceder, se forem todos de boa vontade. Não se podem fazer santos quando a madeira não dá. Não senhor. Mas não vem ninguém ao mundo que traga já o selo da condenação...

—Go...oolo!... Chuta já! Remata para o «Carlos Gomes» defender! Olha o Virgílio. E a queda daquele negro!...

São os treinos das nossas equipas de futebol. A alegria e o espírito com que são executados. A satisfação é enorme quando se mete um golo, fazem

Tribuna de Coimbra

Terminada a época de Verão e agora já cada um em sua casa, vamos dar contas daquilo que nos chegou.

Nas Termas de Monte Real, com o mesmo carinho dos anos anteriores, tanto na Igreja como no Hotel, deram-nos 3.576\$00; no Luso houve mais entusiasmo e recolhemos 6470\$; a Igreja de S. Martinho do Porto, onde o Pai Américo celebrou a sua última Missa, foi além e deixaram nas nossas sacas 11.300\$00; na Figueira estava mau tempo e já tinham gasto quase tudo por lá; trouxemos 2.000\$00.

Na última Tribuna dávamos, com muita alegria, a notícia das nossas oficinas quase prontas e dizíamos que a alfaiataria não tinha máquina, a sapataria do mesmo modo, a barbearia não tinha cadeira nem espelho. Mal nós sonhávamos que o nosso apelo iria chocar alguém na cidade de Setúbal. Pois chocou uma senhora que apareceu com cadeira, espelho, mesinha e ferramenta.

Agora falta só para alfaiate e sapateiro. Quem aparece?

Cincoenta da Escola Comercial de Coimbra de visita; 120\$00 da visita da Escola de Enfermagem dos Hospitais da Universidade; cem de quem faz tudo pelos nossos estudantes e mais cinquenta e roupas e calçado; 53\$00 duma excursão de Águeda; 63\$00 doutra da Figueira; 200 cruzeiros dum filho muito ilustre da Praia de Mira e 500 dum «sincero admirador»; muitos retalhinhos duma Mãe muito amiga de lhavo e já voltou outra vez com outro embrulho.

32\$50 dum visitante de Tomar; 102\$00 duma excursão da Figueira; dez «duma figueirense»; o mesmo dum visitante; cem na, minha mão, em Cantanhede dum Senhor meu vizinho; 332\$00 e muitas coisas de devoção das crianças de Cantanhede; vinte do ordenado duma senhora do Fundão; vinte e peles dum visitante de Alcanena; 500\$00 do Governo Civil de Coimbra; 100\$00 duma senhora que aparece todos os meses; cinquenta; cem do Caramulo; cem da Figueira; 350\$00 e mais cem e um embrulho de roupas dum Senhor Doutor da Figueira para quem não temos palavras. Que Deus lhe dê saúde. 120\$ da anónima dos Casais; vinte da Covilhã, de alegria por ter visto o Pai Américo; 17\$50 de visitantes; oitenta de visitantes; um presépio que o Pai

dribling. É o principal pensamento desta rapaziada nova, cheia de saúde e vigor. Os treinos têm sido com muita assiduidade, para o nosso grupo não perder a forma, que só é devida à inactividade.

Temos vários convites e satisfá-los-nos no tempo mais breve possível.

Quando nos quiserem convidar para qualquer festival, façam-no depressa, senão sujeitam-se a não ver em acção o nosso valoroso grupo, que tem feito inveja a muitos.

Na última temporada só perdemos em Lever por 3-2. Esta época estamos com ideias...

Quem quiser prová-lo é só convidar o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, que nós nos encarregaremos de dizer...

Daniel Borges da Silva

Américo comprou e o Senhor agora não quis dinheiro; vários fretes de camioneta gratuitos; 120\$00 dum senhor Dr. da Freixianda; cem dum anónimo da Lousã; cincoenta dum Sacerdote de Castelo Branco; o mesmo dum visitante; o mesmo do mesmo modo; vinte de visitantes; cincoenta de visitantes; 60\$00 no dia em que fez 45 anos. Deus lhe conserve a vida.

450\$00 de dois votos; coisas várias duma vizinha do nosso Lar; um embrulho de roupinhas doutra nossa vizinha; cincoenta de visitantes; cem de promessa na Figueira a um vendedor; trinta em acção de graças; dez na minha mão na Sé Nova; trinta de visitantes; quarenta de visitantes.

Este ano a Câmara de Coimbra triplicou o seu donativo: quinze contos. Vinte de Seia; broche e brincos em ouro duma Professora de Coimbra; pelo exame de um filho setenta; visitantes com 120, mais 10, mais 20; visitantes com cincoenta; mais vidros da Fontela; azeite e mais de Tábuas; azeite e bons livros da Lousã, onde os nossos vendedores gostam muito de ir; vinte em carta de Lisboa; vinte de visitantes; mais cinquenta, mais cem, mais quarenta; mais 446\$00 de visitantes da Lousã; mais visitantes com 177\$50.

Louvado seja Deus.

Padre Horácio

AGORA

— Continuação da 3.ª página —

da realização de uma festa que desse os 4 mil que faltam para a casa, é passado este tempo, e nada de notícias. Confiamos que mal esta chegue ao conhecimento das pessoas em causa, elas se darão pressa em desobrigar-se.

Do que nós necessitamos

— Continuação da 3.ª página —

Pobre de «Cruz», da Beira. 50 para um tuberculoso e o dobro prós Pobres do Barredo.

Por intermédio do «Comércio do Porto» 260\$00. Cem de Famalicão, «uma pedrinha para as obras do Pai Américo». Outro tanto e mais 20 trazidos da venda do Jornal pelos nossos rapazes. Cabo Verde com 300. Arcozelo das Maias, 20\$. Castelo Branco 40. E Aveiro, Casa Bambi. E Tête com 200. E Lobito, «da pequenina Faty». E Nova Lisboa com 100 «para destinar àquilo que melhor entender». O mesmo de Torres Vedras.

Quem quiser estudar geografia e conhecer nomes de terras, de leste a oeste em todas as latitudes, leia com cuidadinho os nossos «maises».

50 da «doentinha Rosalina». E outro tanto de Cubal, em Angola, com muito sacrifício, de uma esposa que justifica assim «esta insignificante oferta»: «O meu marido é uma joia de homem, mas muito pobre. Apenas tem as ruas e o sol que Deus dá para todos».

Pois que Deus os ajude, a estes e a todos.